

# *A fábula do garoto que quanto mais falava sumia sem deixar vestígios: cidade, cotidiano e poder*

*Luis Antonio dos S. Baptista<sup>1</sup>*

*O conto de fadas nos revela as primeiras medidas tomadas pela humanidade para libertar-se do pesadelo mítico (...). O conto de fadas ensinou há muitos séculos à humanidade, e continua ensinando às crianças, que o que mais aconselhável é enfrentar as forças do mundo mítico com astúcia e arrogância.*

*Walter Benjamin*

*Onarrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*

---

<sup>1</sup>Professor Titular do Departamento de Psicologia da UFF e do Programa de Pós-graduação em Educação da UFF.

Era uma vez um corpo desbotado que habitava acima das luzes da cidade. Acontecia muita coisa nesse lugar. Apesar da localização, inexístiam trevas e marasmos no dia-a-dia dos habitantes. Nada parecia tédio ou sina. No local onde morava, muita coisa acontecia: derrotas, combates, vitórias, estratégias faziam-se incansavelmente. Ausentes de calma, inventavam e reinventavam particulares modos de defesa e de ataque. Destinos e histórias avolumavam-se em díspares versões de fatos sem sossego. Nada poderia ser de uma maneira e não ser de outra. Aí desconheciam escolha e paz. O corpo desbotado residia na parte da cidade próxima das nuvens, bem distante da placidez do mesmo. Porém as luzes lá embaixo ofuscavam os combates e as heterogêneas versões como se nada estivesse acontecendo. Traduzia-os em sombras. Luzes de neon, do humanismo, da eletricidade, da razão, entre outras, não chegavam até lá. Ficavam em seus postos projetando penumbra, sombreando para cima. Quando o sombreado aumentava, a cidade se partia como se fosse composta por dois mundos, por dois desejos.

O corpo desbotado era tão desbotado que impossibilitava o reconhecimento de sua idade ou gênero. Desbotou porque gastava muito corpo. Vive sempre lutando, às vezes vigoroso, mas sempre em alerta. Esmaceceu a pele devido aos usos, táticas, desusos, astúcias, utilizados no presente e no passado, em séculos de enfrentamentos. Aquele corpo gasto sustentava a história subterrânea do Brasil, das Américas, da África e dos sonhos e espantos de gente humilhada. Sustentava até os detritos esquecidos nas ruas, revelando hábitos e prazeres urbanos. O desbotamento assemelhava-se ao tom dos objetos usados, a coisas gastas por apelos que persistem seduzindo por contatos. Parecia-se com formas e tonalidades moldadas por insurgências e gestos incansáveis. Parecia-se também com a cidade quando resiste a ser partida em duas.

Nas ruelas sinuosas por onde passava, entre sombras e encruzilhadas emitia uma luz particular que se intensificava quando contava versões díspares de um mesmo fato; mas ninguém lá embaixo o via nem

o escutava; tornava-se mudo e opaco. Para os homens crédulos, somente no que suas luzes focalizavam era definido em coisa turva, ou carência de alguma coisa. Para eles o desbotamento misturado aos traços e refugos da cidade convertia-se em falta de nitidez; desta forma os homens sábios apagavam os usos e astúcias de vários séculos. Nesta definição o corpo desbotado deixava de sustentar a cidade povoada por dois ou mais desejos virando único e indivisível. Nas ruelas sinuosas e nas encruzilhadas, todo cuidado é pouco; quando não contavam inúmeras versões dos acontecimentos enfraqueciam. Perdiam também vigor e tempo fixados no presente. Vivendo exclusivamente no presente diluíam a memória; sem memória, o passado deixava escapar a força do agora tecendo os fios do ontem não exaurido. Ausentar o dia-a-dia da história preocupava todos os moradores.

A sinuosidade das ruas onde ele morava exigia sagacidade no desmonte de prováveis armadilhas. O que mais amedrontava aos moradores seria caírem nas armadilhas da sina. Se caíssem, suas vidas se transformariam em previsibilidade e miséria, fixando-os na retidão do destino. Todo cuidado seria pouco. Na sinuosidade e bifurcações dessas ruas o corpo desbotado gingava, escapava da retidão do destino, narrando acontecimentos e combates não exclusivos dele, até mesmo os lá debaixo, mas eram abafados por fronteiras compactas e luminosas. Se não narrasse, combatendo enfraqueceria e sofreria. Não só ele, mas muitos. Ruas tortas exigiam dele uma história feita por ginga e astúcia.

Um dia, uma luz lá embaixo chegou ao lugar onde habitava e ele começou a ganhar nitidez e a falar esquisito. A sagacidade esmoreceu e a armadilha funcionou. Encruzilhadas viravam ruas retas, labirintos desapareciam, o passado e presente incrustados em seu corpo desvencilhavam-se. O foco luminoso lá embaixo o atravessou, revestindo-o de

inusitado poder<sup>2</sup>; um poder que o transformava em indivíduo e o fazia falar. Dísparas versões da história pouco a pouco emudeciam, tomando uma única direção, iam sempre em frente buscando futuro, progresso, vitória, sempre adiante, sem olhar para trás. Narrações não exclusivas dele perdiam o rumo. Sofrimentos e combates para dissipá-los também. Perdia a força e a não-autoria das histórias. Brasil, América, África, sonhos e espantos de gente estranha e humilhada volatilizavam-se nas nuvens. Nesse dia, algo ainda mais misterioso sucedeu: transformado em falante, sumiu<sup>3</sup>. A voz esquisita emitida por aquela iluminação transformava-o, destruindo os tempos e espaços contrastantes sustentando o seu corpo. A luz singular que as encruzilhadas produziam, desdobrando possibilidades de se fazer história e modos de guerrear, virava sombra. De desbotado por desuso, táticas, usos, apelos, ganhou visibilidade acompanhada de voz e silêncio. De corpo sustentando a cidade povoada por discrepantes desejos e memórias, passou a ser uma única e indivisível

---

<sup>2</sup> Sobre a concepção de poder, nos inspiramos nas análises de Michel Foucault sobre as “vidas infames, os maltrapilhos, medíocres”, transcritas dos documentos das instituições de reclusão e das cartas ao rei (*lettre de cachet*) no século XVIII: “Para que algo delas chegasse até nós foi, porém, necessário que um feixe de luz, ao menos por um instante, as viesse iluminar. Luz essa que lhes vem do exterior. Aquilo que as arranca à noite em que elas poderiam e talvez devessem sempre ter ficado, é o encontro com o poder; sem este choque, é indubitável que nenhuma palavra teria ficado para lembrar o seu fugidio trajecto (...) como o poder seria sem dúvida agradável e fácil de dismantelar, se se limitasse a vigiar, espiar, surpreender, proibir e punir; mas incita, produz, não é apenas olho e ouvido; faz agir e falar” (FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Lisboa: Ed. Passagens, 1992. p. 97-123).

---

<sup>3</sup> O “sumir” mencionado refere-se à despolitização do cotidiano e da ausência desse conceito articulado à história. Articulando cotidiano e história, e ressaltando a importância da cotidianidade como instrumento de análise, Le Goff aponta para a seguinte questão: “o cotidiano, se o perscrutarmos atentamente, revela-se como um dos lugares privilegiados das lutas sociais [...] tal como o realismo, a literatura e na arte, não é uma fotografia da realidade, mas uma grelha da apresentação e de representação do mundo e da sociedade, a história do cotidiano é uma visão autêntica da história porque representa uma das melhores formas de abordagens da história global, na medida em que atribui a cada actor e a cada elemento da realidade histórica um papel, no funcionamento dos sistemas, que permitem decifrar essa realidade” (LE GOFF, L. *História e nova história*. Lisboa: Teorema, 1986. p. 80).

personalidade. Transformado em único, virou individualidade<sup>4</sup>; logo depois evaporou. As nuvens lá de cima ficaram pesadas com tanto resto cintilando. O corpo das encruzilhadas sumiu. Sumiu e começou a falar sem parar. Após essa ocorrência, uma peculiar história aconteceu.

### *A fala que faz sumir*

Concentração para a leitura e os problemas de matemática atormentavam o garoto. A mãe não sabia mais o que fazer. Ele não conseguia entender o que a professora e a escola diziam. Na sala de aula parecia indiferente a tudo e a todos. Aquele lugar insinuava não lhe dizer absolutamente nada. A professora o encaminhou para a coordenadora. A coordenadora indicou a psicóloga do posto de saúde. A psicóloga, justificando a estreita relação entre família e escola para o desenvolvimento psicopedagógico, convocou os genitores. Pai ele não tinha. A mãe do garoto, que quanto mais falava sumia sem deixar vestígios, respondendo a psicóloga afirmou:

Dotora, o pai dele sumiu e eu crio esse menino e mais dois sozinha desde quando ele tinha três anos. Não sei mais o que fazer. Nessa cabeça dura não entra nada, puxou o pai e os irmãos. Acho que é do sangue, eles não dão pra estudo. Tenho medo dele se meter com gente que não presta; queria que o meu filho estudasse, fosse alguém na vida. Desse jeito tem que trabalhar. Crio

<sup>4</sup>O “virar individualidade” aponta para a contribuição de Michel Foucault sobre uma das características do poder disciplinar: “aquilo que faz com que o corpo, gestos, discursos e desejos sejam identificados e constituídos enquanto indivíduos é um dos primeiros efeitos do poder. Ou seja, o indivíduo não é o outro do poder: é um de seus primeiros efeitos (FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro, Ed. Graal, 1990. p. 183). À luz das reflexões foucaultianas, Jurandir F. Costa nos adverte:” A ação da norma educativo-terapêutica não se faz através de nenhuma inculcação ideológica, filosófica ou política que leve os indivíduos a mudarem suas visões de mundo. O primarismo desta crítica dispensa comentário. Será falso afirmar que todos os profissionais afetos à área de assistência familiar são politicamente conservadores. A normalização das condutas e sentimentos opera em outro nível. Ela procede de forma oposta, despolitizando o cotidiano e inscrevendo-o nas micropreocupações em torno do corpo, do sexo e do intimismo psicológico” (COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1978. p. 17).

eles sozinha e mais duas sobrinhas, trabalho em casa de família dez horas por dia, me falta tempo, chego em casa ainda tenho que aturar problemas. A senhora acha que o problema dele é do sangue? Aqui em casa ele é normal. Acho que ele não dá pra estudar. É uma pena, eu não sei o que fazer.

O garoto de dez anos morador de uma favela do Rio de Janeiro, após a segunda reprovação e a apatia na sala de aula entrava gradativamente nas tramas do fracasso. Segundo a mãe, era do sangue. Para os educadores, originava-se do déficit de inteligência resultante dos efeitos da fome e da miséria. Sem pai, comida, estimulação, lar estruturado, o garoto que quanto mais falava sumia sem deixar vestígios - para a psicóloga - iria sofrer e fracassar. Morador da favela habitava, segundo certas vozes urbanas, o lugar de risco, das determinações irreversíveis no corpo e na alma; determinações que encarceram seus habitantes em frutos do inexorável. Para os moradores do asfalto, lá em cima residem as mazelas da cidade, cúmplices ou vítimas da violência. Alguns sentenciam este diagnóstico propondo medidas preventivas; outros o extermínio. Moradores do asfalto preocupados ou indiferentes encarceram os habitantes lá de cima nos desígnios do inevitável. Cárcere que aprisiona e protege por meio de sólidas fronteiras da predestinação.

Após consultas, testes psicológicos, o garoto ganhava um nome e uma concisa história; uma inócua e abreviada anamnese o aprisionava na previsibilidade. Nela nada existia além do adoecer e das causas. Um sucedâneo de etiologias e dores fazia parte desse relato; dores médicas relatavam abstrações e generalidades. Percurso sem tragicidade protagonizado por vultos e sinas. Teorias da Educação e da Psicologia discursavam sobre o garoto negro da Mangueira, dando-lhe contorno; faziam-no falar, escutavam essa fala doada e respondiam atenciosamente. Agora começava a ter visibilidade e ser alguma coisa. O “menor” vendedor de tangerinas nos sinais da Rua São Francisco Xavier recebia um texto pedagógico, legando-lhe voz. Capturado por essa atenção, desprendia-se da mudez e da opacidade do dia-a-dia, que o traduzia em estorvo. Carente, pouco estimulado, desnutrido, adjetivos oriundos dos especialistas faziam

brilhar o corpo franzino; de estorvo opaco, transformava-se em reluzente objeto focalizado pelo humanismo científico. Pleno de luz falava, falava, falava, confessando os frutos de seu cárcere. Até mesmo a professora do “menor”, também desbotada, foi orientada a se reciclar, a estar atenta às carências de seus alunos, atendendo desta forma às exigências da educação especial. A professora, desbotada após o diagnóstico que a responsabilizava pela incompetência educacional, falava, falava, falava, confessando os frutos do seu fracasso.

Nas entrevistas com a mãe, a psicóloga indagava sobre o passado do garoto: laços emocionais, doenças da infância, integração familiar etc. Uma procura de rastros se fazia para a compreensão do déficit intelectual. Desejava fazer emergir a história do garoto; segundo ela, o passado deixa marcas irreversíveis. Os primeiros anos de vida são fatais. A história de vida traduzida pelos muros do posto de saúde compilava pistas, pegadas marcadas no solo do passado como se inexistisse alguém, só traços denunciadores deixados no percurso. À semelhança dos romances policiais, tentava desvendar o autor oculto e os motivos da ação. Um acontecimento ocorreu, passou, esgotou-se, deixando indícios. Decifrava pistas afirmando uma versão da história onde existiriam somente ausências, passados esgotados habitados por fantasmas alheios à força do presente produzindo sentido ao ontem. O objeto era incorpóreo e oculto. Faltas e pistas procuravam pelo autor emudecido por sua ausência. Protagonistas e atores de gestos e atos esfumaçavam-se. Fora dos muros do posto de saúde, outra versão misturava-se aos refugos da cidade, espreitando o presente para exibirem seus rostos narrando um passado não exaurido. Para essa modalidade os detetives são dispensáveis. Necessitam apenas de co-autores para intermináveis finais inconclusos.

No laudo psicológico, uma concisa tradução convertia o garoto da Mangueira em reluzente aluno especial. Iluminado pelo humanismo científico, descobriam as causas da deficiência. O passado de fome e miséria, o presente, determinado pela infância sem lar faziam-no ingressar na nova carreira, adquirindo nitidez e coisas para contar. Transformava-se em

personagem de uma trama com início, meio e fim. Luzes das encruzilhadas e o corpo feito e refeitos nos embates do dia-a-dia apagavam-se, diluindo-se gradativamente. A cidade endurecia fronteiras, delimitando desejos e memórias incompatíveis. Convertido em especial, falava, falava, falava e sumia sem deixar vestígios, virando fumaça.

Certo dia, a psicóloga do posto de saúde, parada no sinal dentro do carro o reconheceu; vendia tangerinas na Rua São Francisco Xavier. Rapidamente ele se aproximou oferecendo a mercadoria e a operação comercial foi efetuada. A psicóloga preocupada com a abertura do sinal ignorava a destreza do garoto em dar o troco. Em segundos multiplicou, dividiu, somou, sem hesitar. A apatia inexistia. Distraída, a compradora partiu com o carro, absorvida em suas reflexões, pensando ter ajudado o aluno especial. Os cálculos de matemática e a sagacidade efetuadas na rua São Francisco Xavier escaparam das análises do posto de saúde. A operação efetuada na rua, ausente de teoria que o iluminava fazendo-o falar, foi realizada sob o sol escaldante da tarde carioca. Esse brilho passava despercebido. Cárceres da sina, determinações irreversíveis, fracasso, eram enfrentados com astúcia nas esquinas. Esse embate passava despercebido ofuscado pelo brilho da especialidade a ele delegada. Para a cidade povoada por discrepantes desejos e lutas, não. Ali o cotidiano é repleto de surpresas. O sol escaldante da tarde carioca fazia o garoto desbotar entre tangerinas e encruzilhadas.

Após o trabalho, subia o morro da Mangueira levando o resto da mercadoria para casa. Quanto mais subia, mais estreitas e sinuosas tornavam-se as ruas. Lá em cima encontrava nos becos garotos de sua idade compenetrados e vigilantes. Qualquer distração seria fatal. Garotos atentos, ex-alunos especiais, ostentavam emblemas militares. Fracassaram nos estudos e nem especiais seriam agora; entraram para a guerra. Na sala de aula não conseguiram contar, ler, escrever. Todos os dias, recebem compradores lá debaixo para operações comerciais. Lidam com altas quantias, necessitando de concentração e destreza. Manejam armas importadas, compondo e decompondo peças sofisticadas que as fazem

disparar. Metralhadoras da Bósnia, fuzis AR-15 são, entre outros, instrumentos que os defendem usando a inteligência da guerra civil. Lá embaixo, luzes urbanas ignoram essa destreza militar sombreando os desígnios da sina. Os companheiros do garoto que quanto mais falava sumia sem deixar vestígios, entre fuzis e becos sinuosos, indicavam a cidade partida em dois desejos, em dois mundos. Quando as luzes das balas das metralhadoras se apagavam, os garotos desbotavam prenunciando combates inusitados. Saíam da guerra civil e iniciavam a luta do dia-a-dia fazendo desbotar o corpo de tanto uso, táticas, desusos, apelos. O cotidiano, fomentando infundáveis astúcias<sup>5</sup>, traduzia-os em narradores e protagonistas de experiências. Nessa hora, a cidade partia-se não em duas, mas em inúmeros pedaços, encruzilhadas, bifurcações, labirintos, produzindo uma história deles e de todos. O Rio de Janeiro desbotava, distanciando-se da placidez do mesmo e da indiferença.

---

<sup>5</sup> A “astúcia” referida baseia-se nas reflexões de Michel de Certeau sobre os embates e resistências às práticas de poder no cotidiano. Referindo a táticas das estratégias, diferenciando-as, Certeau nos indica combates, jogos, ações, campos particulares de lutas entre forças na cotidianidade: “A estratégia postula um lugar suscetível de ser circunscrito como algo próprio e ser a base de onde podem gerir as relações com uma exterioridade de alvos e ameaças (...). Como na administração de empresas, toda racionalização ‘estratégica’ procura em primeiro lugar distinguir de um ‘ambiente’ um ‘próprio’, isto é, o lugar do poder e do querer próprios. (...) Gesto da modernidade científica, política ou militar”.

Diferenciando-se da estratégia, a tática “não tem, portanto, a possibilidade de dar a si mesma um projeto global nem totalizar o adversário num espaço distinto, visível e objetável. Ela opera golpe por golpe, lance por lance. Aproveita as “ocasiões” e delas depende, sem base para estocar benefícios, aumentar a propriedade e prever saídas (...). Tem que utilizar, vigilante, as falhas que as conjunturas particulares vão abrindo na vigilância do poder do proprietário. Aí vai caçar. Cria ali surpresas. Consegue estar onde ninguém espera. É a astúcia. Em suma, a tática é a arte do fraco (...). As estratégias apontam para a resistência que o estabelecimento de um lugar oferece ao gasto do tempo; das ocasiões que apresenta e também dos jogos que introduz nas fundações de um poder. Ainda que os métodos praticados pela arte da guerra cotidiana jamais se apresentem sob forma tão nítida, nem por isso é menos certo que apostas feitas no lugar ou no tempo distinguem as maneiras de agir” (CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1994. p. 101-102).

## ***A casa invisível***

Falava, falava, falava, a casa do garoto especial iluminada pelas teorias do posto de saúde e da escola. Tagarelava e sumia. A psicóloga após a visita domiciliar a descreveu da seguinte forma:

*Residência construída em alvenaria, localizada em um beco da favela da Mangueira, na área denominada Buraco Quente. Moram na casa a genitora do menor, duas sobrinhas (uma de cinco anos e outra adolescente) e os três filhos de dez, onze e quinze anos. Possui três cômodos: uma sala de 15 m<sup>2</sup> usada também como cozinha, um quarto de 12 m<sup>2</sup> e um banheiro de 4 m<sup>2</sup>; uma pequena janela no quarto e uma outra da mesma dimensão na sala. No quarto encontra-se uma cama de casal onde dormem a mãe e a sobrinha de cinco anos, uma cama de solteiro do filho menor, um armário duplex e uma penteadeira; na sala, o fogão, bujão de gás, pia, geladeira, o televisor, um sofá onde dormem os dois irmãos mais velhos, uma cama de solteiro da sobrinha adolescente e uma mesa de seis cadeiras, além de outros objetos de decoração. A família permanece poucas horas na casa. Os filhos trabalham e estudam, os dois menores como vendedores de frutas e o maior no estacionamento como flanelinha. A sobrinha adolescente cuida do serviço doméstico e da irmã. A mãe trabalha dez horas por dia como empregada doméstica na Zona Sul. Permanecem poucas horas na residência, usando-a essencialmente como dormitório. A casa possui luz elétrica e água encanada; o saneamento é extremamente precário, a iluminação e a ventilação idem.*

*Avaliamos o espaço onde reside o menor ineficiente para o desenvolvimento psicológico e intelectual. A habitação em pauta expressa a carência econômica dos moradores e o déficit de relações afetivas e sociais para uma família estruturada. Os cômodos indiferenciados não favorecem a construção da autonomia e da privacidade, estimulação e concentração para o estudo, além das péssimas condições de circulação de ar e iluminação. A família se encontra pouco, devido aos horários de trabalho e de estudo, o que favorece o perfil de um grupo carente de sociabilidade e de comunicação. Concluindo, avaliamos como desfavoráveis as condições da moradia do menor; espaço deteriorado pelas péssimas condições econômicas e sociais. Saúde coletiva prejudicada. Família desestruturada. Fraca estimulação interativa ocasionando a carência do lar propiciador do desenvolvimento afetivo e cognitivo.*

A casa falava, falava, falava e sumia no laudo do posto de saúde. Falava para todos sobre sua carência, exibindo as armadilhas da predestinação. O laudo revestia o espaço e os objetos do beco no Buraco Quente de inexoráveis silêncios e visibilidades. Tudo era visto por aquela luz, mas não cintilava ou narrava nada. Objetos e espaços opacos e mudos untavam-se de carências. A casa da falta falava, sumia e virava habitação de destinos irreversíveis. Fraqueza e carência sustentavam as paredes, neutralizando crônicas invisíveis resistindo a evaporarem como fumaça. Por meio dessas crônicas, outra casa se fazia conhecer. Não era um lar estruturado, mas o espaço de intermitentes embates do dia-a-dia<sup>6</sup>. Rachaduras nas paredes, objetos comprados a prazo nas Casas Bahia, fotografias descoloradas, cantos revestiam-se de crônicas incompletas sem final feliz. Crônicas pela metade, insistentes em narrar, atentas ao passado não

<sup>6</sup> Atento à metodologia que articula dialeticamente cotidiano e história, Sidney Chalhoub nos fornece relevantes análises sobre as “astúcias”, a cultura e os embates do dia-a-dia das classes subalternas. Pesquisando as últimas décadas da escravidão na corte, o autor nos adverte: “na formulação de Fernando Henrique Cardoso, o autor-protótipo contra quem esgrimi mais explicitamente meus argumentos, ocorreria uma ‘coisificação social’ dos negros sob a escravidão; isto é, ‘a consciência do escravo apenas registrava e espelhava, passivamente, os significados sociais que lhes eram impostos’”. Outro autor-protótipo no caso seria Jacob Gorender, para quem “o oprimido pode chegar a ver-se qual o vê seu opressor”. Procurei demonstrar também que a outra face da teoria do escravo-coisa é a ênfase na rebeldia negra (...). Estes autores só concebem ‘o fazer’ dos escravos, sua atuação como sujeitos históricos, em torno de alternância — ou, mais raramente, composição — entre passividade e atividade, conformismo e resistência, ou coisificação e rebeldia. No primeiro dos pólos, surge um discurso de denúncia da violência da escravidão e da vitimização dos negros; no segundo, um discurso contundente pontificado de feitos heróicos. Ambos os pólos têm sua parcela de validade. Todavia, diante de vítimas somos levados a sentir pena; diante de heróis devemos ficar embasbacados. Não faço uma coisa, nem outra (...). Os cativos agiram de acordo com lógicas ou racionalidades próprias, e seus movimentos estiveram sempre firmemente vinculados a experiências e tradições históricas particulares e originais. (...) E isto ocorria mesmo quando escolhiam buscar a liberdade dentro do campo de possibilidades existente na própria instituição da escravidão — e lutavam então para alargar, quiçá transformar, este campo de possibilidades (...). Mas, se aqui não há lugar para delírios de grandeza ou ilusões de novidade revolucionária, também não é preciso pensar em rendição: afinal, o que acabamos de ver foram exemplos seguidos de sujeitos históricos que conseguiram politizar a rotina e, assim, transformá-la” (CHALHOUB, Sidney. *Visões da liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na corte*. São Paulo, Companhia das Letras, 1990, p. 250-253). Sugerimos ao leitor as análises de CUNHA, Maria Clementina. *O aparelho do mundo — Juquery e a história de um asilo*. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1986, p. 16; SILVA DIAS, Maria Odila. *Hermenêutica do Quotidiano na Historiografia. Revista do Programa de Pós-graduação em História*. PUC/SP. São Paulo: EDUC, n. 17, 1998, p. 253.

exaurido, interpelado pelas urgências do agora<sup>7</sup>. A história do Brasil na versão oficial e clandestina habitava o espaço doméstico; da vala negra de esgoto até os objetos comprados a prazo nas Casas Bahia contavam o ontem e o agora sem nenhuma trégua ou paz. A versão clandestina contada nos utensílios domésticos e na apropriação singular do espaço legava aos moradores a possibilidade de serem protagonistas de micro-acontecimentos do cotidiano. Não seriam heróis ou vítimas, mas atores e narradores de experiências deles e de todos. Igual à sinuosidade das ruas e aos labirintos dos becos fomentariam surpresas, inacabamento, dissipando do ontem finais de vitórias ou derrotas; do presente dissipariam indiferença e apatia.

A luz que iluminava o laudo na procura de verdades ignorava os efeitos que produzia no percurso. Imaginava ser neutra e imparcial. Desconhecia a produção de opacidade nos restos jogados fora no transcorrer da pesquisa. Minúsculos detalhes da vida ordinária eram desprezados, virando inexpressivos refugos. Objetos físicos, dados empíricos, tempos cronometrados resumiam os limites daquilo que o foco alcançava. Objetos da memória moldados pelo fazer incessante, tempos vividos e revividos

---

<sup>7</sup> Sobre o “desbotamento”, os “embates do dia-a-dia” e o “passado não exaurido”, utilizamos as seguintes afirmativas de Walter Benjamin: “O cronista que narra os acontecimentos, sem distinguir entre os grandes e os pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história. Sem dúvida, somente a humanidade redimida poderá apropriarse totalmente de seu passado (...)” (Walter Benjamin, Tese 3).

“A luta de classes, que um historiador educado por Marx jamais perde de vista, é uma luta pelas coisas brutas e materiais, sem as quais não existem as refinadas e espirituais. Mas na luta de classes essas coisas espirituais não podem ser representadas como despojos atribuídos ao vencedor. Elas se manifestam nessa luta sob a forma da confiança, da coragem, do humor, da astúcia, da firmeza, e agem de longe, do fundo dos tempos. Elas questionarão sempre cada vitória dos dominadores. Assim como as flores dirigem sua corola para o sol, o passado, graças a um misterioso heliotropismo, tenta dirigir-se para o sol que levanta no céu da história. O materialismo histórico deve ficar atento a essa transformação, a mais imperceptível de todas” (Walter Benjamin, Tese 4).

As teses “sobre o conceito de história” encontram-se em BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas*. Magia e Técnica, Arte e Política. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1987. p. 222. Sugerimos, para o aprofundamento das articulações entre cotidiano, memória e história, do mesmo autor: *Obras Escolhidas II*. Rua de Mão Única. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1987.

advindos das intensidades das agruras e prazeres do dia-a-dia fugiam da visibilidade daquela iluminação. Porém combates do cotidiano contidos nos refugos jogados fora enfrentavam a arrogância dessa luz, escapando das ciladas que os faziam falar e emudecer. A invisibilidade tomava a forma de enfrentamento, à semelhança dos poderes ávidos em resistir e contra-atacar o inexorável. A casa invisível desconhecia faltas, determinações irreversíveis da miséria, porque não tinha tempo a perder. O cotidiano, penetrando nos objetos e cantos, nervosamente exigia táticas singulares, politizando o espaço e a existência dos habitantes. Privacidade e autonomia dos moradores germinavam das intermináveis ações e invenções. Ali esse par manchava-se de incansáveis conquistas. Nada seria universal ou perene; a vida não lhes dava sossego. Modelos de privacidade-autonomia fabricados na eternidade para eles eram inúteis. Partida em dois mundos, em dois desejos, a cidade proibia dispersão ou paz. Seria fatal. Naquela casa sem número do Buraco Quente os objetos e cantos envelheciam e descoloravam de tantas astúcias.

Ansiando por visibilidade e verdade, a luz que iluminava o laudo embaçava pequenos detalhes. Detectava exclusivamente vitórias e fracassos de paradigmas universais, destinos do objeto em análise. Via a si mesmo evitando seus efeitos no mundo; evitava também desconforto, assombro, confronto com o sentido da produção da sua maquinaria. Lacunas e paradoxos nessa marcha triunfal de pesquisa em direção à verdade transformavam-se em nada. Contidas neste nada desfocado, muitas coisas aconteciam naquela casa. Sinas e determinações sentenciando o futuro entravam porta adentro, mas a fotografia sobre a geladeira dizia não. Vitórias triunfais da razão decretando a felicidade da família estruturada invadiam os cantos, mas as arestas abrandadas dos objetos comprados a prazo nas Casas Bahia as enfrentavam transgredindo o decreto; os laços de amizade dos vizinhos, a presença da história de embates cotidianos da dona de casa idem. A fotografia descolorada da formatura do jardim de infância do filho mais velho em destaque na sala de aula narrava projetos antagônicos aos desígnios dos males irreversíveis; envelhecida pelo tempo

na moldura em decapê, anunciava que ali a vida ordinária ou ninguém adormecia. A casa dormitório seria o fruto da força daquela luz do posto de saúde. Arestas de objetos abrandadas pelo uso, imagens fotográficas estavam em constante vigília; o sono ininterrupto seria fatal, enfraqueceria tudo e todos, fixando-os em uma história escrita de uma forma e não de outra. Aquele lugar do morro da Mangueira entre as agruras da guerra civil narrava, silenciava, mas não emudecia. Poroso deixava entrar a cidade com suas encruzilhadas, bifurcações, multiplicando sentidos e combates. A residência sem número do Buraco Quente desbotava à semelhança das suas paredes verde e rosa.

### *Epílogo*

Ignoramos o que aconteceu ao garoto desbotado após virar individualidade e ganhar nome especial. Desconhecemos se ainda fala e some sem deixar vestígios sob o poder da luz lá embaixo. Porém em um dia escaldante de dezembro na cidade do Rio de Janeiro um raio atravessou uma nuvem carregada de crônicas que cintilavam repletas de narrativas incompletas, sem sinal à espera de parceria. Após o trovão, ouviram-se vozes e clarões inusitados. Era o garoto desbotado dizendo algo para a cidade. Ele retornava do combate contra as luzes que o encarceraram na carência e na sina. Entre raios e trovões gritava para a cidade o seu nome: Jorge Azevedo, Maria da Conceição, Luís Carlos de Almeida, Janaína da Silva, Patrícia dos Santos, Antônio Severino, Francisco da Silva, João da Cruz, Walter dos Santos, Maria do Socorro da Conceição, Carolina Queiroz de Albuquerque, Pedro da Silva e muito mais gente, mortas e vivas, de tempos e espaços do agora e do ontem.

Após a revelação do seu nome, que não era seu, fez chover encharcando o Rio de Janeiro de história. A cidade foi inundada por insurgências. Acabado o temporal, labirintos e ruas sinuosas tomaram conta do espaço urbano, multiplicando e desdobrando o pensamento. A cidade não possuía a compacta divisão em duas partes. O espaço urbano

desvencilhava-se dos lugares das identidades fundadas na semelhança e na diferença. Nada revestia-se de paz. Desejos e idéias díspares agrupavam-se contagiados pelo combate aos cárceres da sina de qualquer espécie. A revolta tomava conta de todos, renunciando singulares formas de solidariedade.

### **Referências bibliográficas**

- BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas*. Magia e Técnica, Arte e Política. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1987.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1994.
- CHALHOUB, Sidney. *Visões da liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na corte*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1978.
- FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Lisboa: Ed. Passagens, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Ed. Graal: 1990.
- LE GOFF, L. *História e nova história*. Lisboa: Teorema, 1986.